

BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS NATURAIS
Volume XIII 1942 Suplemento I

ACTAS

DO

I CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS NATURAIS

..... LISBOA 1941



Separata do Livro I

MISSÕES ANTROPOLÓGICAS

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

(Faculdade de Ciências do Porto)



B)
72(6)(047.3)(04)
AN

BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS NATURAIS
Vol. III

ACTAS

DO

I CONGRESSO NACIONAL
DE CIÊNCIAS NATURAIS

LISBOA 1941



Seção de Física

MISSEOS ANTROPOLÓGICAS

808

J. R. G. A. R. J. R.

Revisão e correção do texto

Missões Antropológicas

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

(*Faculdade de Ciências do Porto*)

Por officio de 30 de Abril de 1941, fui solicitado pela Comissão organizadora do I Congresso Nacional de Ciências Naturais, a apresentar numa das Sessões Plenárias um Relatório sobre «Missões Antropológicas». A outros poderia ter sido cometido um tal encargo. A tarefa ficaria seguramente melhor entregue. As razões que tinha apresentado não conseguiram convencer a Comissão Organizadora a escusar-me.

A primeira Missão Antropológica à África foi a do Prof. Dr. ANTÓNIO DE ALMEIDA, em 1934, aos Dembos (Angola), organizada pela Escola Superior Colonial e subsidiada pela Junta de Educação Nacional, o actual Instituto para a Alta Cultura. Durante os 3 meses que trabalhou em Angola, região dos Dembos, ANTÓNIO DE ALMEIDA mediu 100 Mahungos e 100 Luangos, uns e outros adultos do sexo masculino; fez também alguns estudos de Etnografia e Linguística, bem como conseguiu desenterrar 28 esqueletos (14 Mahungos e 14 Luangos) que, infelizmente, se perderam na Alfândega de Lisboa ⁽¹⁾. Pôde ainda proceder a estudos históricos sobre os originais das célebres Cartas dos Dembos e fazer algumas observações quanto às condições de higiene, de sanidade e económicas de algumas populações negras e brancas das regiões por onde passou. Pelo que respeita às observações e colheitas antropológicas, ANTÓNIO DE ALMEIDA publicou já alguns trabalhos parcelares sobre Estatura, Índice Cefálico e Índice Nasal dos Mahungos e Luangos, tendo prontos para publicar outros trabalhos da mesma natureza. Informa-nos também o mesmo Autor ter em adiantada preparação um estudo Sobre a Etnografia dos Povos dos Dembos. Ótimo seria fôsse publicado um trabalho antropológico de conjunto, pois,

(1) Em carta que sobre o assunto me escreveu, diz-me o Dr. ANTÓNIO DE ALMEIDA: «...a Alfândega e o Entrepasto de Lisboa impediram que dêes me servisse, tamanhos eram os tributos que exigiam; quando mais tarde quis levantar os esqueletos, pagando as taxas requeridas, já os não encontrei!»



como é sabido, um só carácter expresso ou não pelo respectivo índice, não tem um valor etnológico tal que nos permita formular conclusões sólidas, ou sequer aventar hipóteses plausíveis.

Depois (1936), foi criada a Missão Antropológica de Moçambique de cuja chefia tive o honroso encargo. As duas campanhas já realizadas (1936 e 1937) foram organizadas pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto sob a direcção do meu Mestre e Amigo, Prof. Dr. MENDES CORRÊA, a primeira das quais teve também o concurso valioso do Instituto para a Alta Cultura, o qual, nunca é demais repeti-lo, tem desempenhado notável acção no desenvolvimento da Investigação Científica em Portugal. Da maneira como decorreram essas duas campanhas dei conta em Relatórios que estão publicados; o primeiro graças a um subsídio do Instituto para a Alta Cultura, e o segundo por deliberação de Sua Excelência o Ministro das Colónias, Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO.

Eis a lista de alguns dos trabalhos publicados sôbre material colhido ou estudado durante as duas referidas campanhas: [a] Grupos Sanguíneos nos Indígenas de Tete (Zambézia), trabalho apresentado à V Reunião da Sociedade Anatômica Portuguesa (Coimbra, Fevereiro de 1937), e publicado nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. VIII, pág. 213 a 217, Pôrto, 1937. [b] Contribuição para o Estudo da Idade da Pedra em Moçambique — A estação lítica da Marissa (Tete), documentário trimestral *Moçambique*, N.º 12, pág. 95 a 103, 6 figs., Dezembro 1937. [c] Relatório da Missão Antropológica à África do Sul e a Moçambique (1.ª Campanha), publicado, com o subsídio do «Instituto para a Alta Cultura», nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. VIII, pág. 257 a 308, LIX Est. com 82 figs, Pôrto 1938. [d] Pinturas Rupestres do Chifumbázi, doc. trim. *Moçambique*, N.º 13, págs. 5 a 19, 8 figs., Março 1938. [e] Sôbre Tatuagens em Relêvo nos Indígenas da Zambézia, comunicação feita na VI Reunião da «Sociedade Anatômica Portuguesa» (Pôrto, Abril de 1938), de colaboração com o Prof BETHENCOURT FERREIRA. [f] Anomalias dos Membros em Negros da Zambézia Portuguesa, doc. trim. *Moçambique*, N.º 17, págs. 37 a 72, 12 figs. e 3 Estampas com 21 figs, Março de 1939. [g] Mission Anthropologique de Mozambique, resumo da conferência realizada, em Paris, no «Institut International d'Anthropologie» no dia 9 de Novembro de 1938, e publicado na *Revue Anthropologique*, Julho-Setembro, Paris, 1939. [h] Missão Antropológica de Moçambique (2.ª campanha) Agosto 1937 a Janeiro 1938. Edição da Agência Geral das Colónias, 91 págs. e XCV Est. com 98 figs, Lisboa 1940. [i] Pre-história de Moçambique; [j] Alguns Muzimos da Zambézia e o Culto dos Mortos; [k] Museu Colonial (2). [l] Alguns Resultados da Missão Antropológica de Moçambique. Comunicação apresentada, em Dezem-

(2) Estes três últimos trabalhos estão em publicação nas *Actas do Congresso Colonial*, um dos da brilhante série dos Congressos do Mundo Português celebrados no ano áureo de 1940.

bro de 1940, ao Congresso de Saragoça, da «Associação Espanhola para o Avanço das Ciências». [m] Os Negros de Moçambique e especialmente da Zambézia. Conferência efectuada em 28 de Maio de 1941 na Universidade de Madrid. [n] Mamíferos Anómalos do Museu de Lourenço Marques. Comunicação apresentada à VII Reunião da «Sociedade Anatómica Portuguesa» (Lisboa, Junho de 1941).

Um importante conjunto de trabalhos antropológicos realizados na Metrópole, especialmente sobre material osteológico, são devidos a alguns ilustres professores das Universidades portuguesas. No Pôrto, JOAQUIM PIRES DE LIMA, MENDES CORRÊA e HERNÂNI MONTEIRO; em Coimbra, EUSÉBIO TAMAGNINI e BARROS e CUNHA; em Lisboa, HENRIQUE DE VILHENA e os seus colaboradores. No belo trabalho de JOAQUIM PIRES DE LIMA — Os Povos do Império Português — vem publicada, nas págs. 175 a 193, uma lista da *Bibliografia portuguesa sobre Antropologia colonial e ciências afins*, compreendendo 152 citações.

Na Metrópole, temos ainda a brilhante série de estudos e a farta colheita de materiais realizada pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto e pelo Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da mesma Universidade, nos indígenas que figuraram na 1.^a Exposição Colonial Portuguesa, efectuada no Pôrto em 1934. Um grande número desses estudos está publicado nos dois volumes dos *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Congresso que se realizou na Universidade do Pôrto, por iniciativa e sob a direcção e presidência do Prof. MENDES CORRÊA, Mestre insigne da Antropologia portuguesa.

Ainda na metrópole, temos o estudo dos negros da «Secção Colonial da Exposição do Mundo Português», realizada em Lisboa no ano áureo dos Centenários. Esses estudos foram feitos pelo Instituto de Antropologia do Pôrto, Escola Superior Colonial e pelo Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu BOCAGE) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Pelo que respeita propriamente a trabalhos de Antropologia Física, levados a efeito nas nossas Colónias, além das Missões Antropológicas referidas de entrada, outros investigadores, por louvável iniciativa própria, procederam a pesquisas etnológicas de maior ou menor interesse, dos quais a seguir se citam os mais importantes e especialmente os que realizaram estudos sobre o vivo.

FONSECA CARDOSO: Militar distinto, falecido prematuramente aos 47 anos, em Timor, o Capitão FONSECA CARDOSO foi o ilustre iniciador do estudo antropológico das nossas Colónias. Em 1895, fazendo parte do corpo expedicionário que, sob o comando do Infante D. AFONSO, seguiu para a Índia afim de combater a sublevação Marata e dos Ranes de Satary, observa e mede 44 destes indígenas colhendo elementos para o trabalho que publicou no ano seguinte, quando voltou à Metrópole, e se intitula: O Indígena de Satary. Estudo Antropológico, *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, N.º 17, Vol. V, Pôrto.

1896. Mais tarde, como Capitão-mór do Moxico (Angola), estudou 112 Quiocos (dos quais 22 mulheres), 82 Luimbés, 101 Luenas, 46 Lutchazes, 4 Bi-n'bundos, 28 Andulos e 7 Ambuelas-Mambundas. Em Timor, onde faleceu, em 1912, em plena floração da sua actividade científica, estudou 107 indígenas. Escreveu — Em Terras de Moxico — que, em publicação póstuma, saiu nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. I, págs. 11 a 35, 11 figs. e III Est., Pôrto 1919.

A sua família entregou ao Prof. MENDES CORRÊA, então Director do Gabinete de Antropologia da Universidade do Pôrto, os registos das investigações que o ilustre morto, official distinto e infatigável homem de Ciência, não chegara a concluir e a coordenar. Dêsses registos, 107 observações realizadas em indígenas de Timor, dos territórios de Okussi e Ambeno, foram utilizadas pelo Prof. MENDES CORRÊA para um trabalho intitulado: Timorenses de Okussi e Ambeno (Notas antropológicas sôbre observações de FONSECA CARDOSO) e publicado nos *Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto*, Tomo XI, págs. 36 a 51, Coimbra, 1916. Sôbre êste mesmo têmea publicou o Prof. MENDES CORRÊA na *Revista dos Liceus*, Pôrto 1916, um trabalho intitulado: Antropologia Timorense. Também sôbre observações realizadas por FONSECA CARDOSO em indígenas de Angola, o mesmo ilustre Mestre e Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, num justo aproveitamento dêsses materiais, e ao mesmo tempo como homenagem ao militar antropologista, publicou mais os seguintes trabalhos: Antropologia Angolense; Quiocos, Luimbés, Luenas e Lutchazes (Notas antropológicas sôbre observações de FONSECA CARDOSO). *Archivo de Anatomia e Antropologia*, Vol. II, págs. 323-356, Lisboa, 1916; Antropologia Angolense — II — Bi-n'bundos, Andulos e Ambuelas-Mambundas (notas antropológicas sôbre observações de FONSECA CARDOSO). *Archivo de Anatomia e Antropologia*, Vol. IV, págs. 283-321, Lisboa, 1918.

Sôbre a notável personalidade de FONSECA CARDOSO como antropologista, podem ler-se os seguintes trabalhos: CORRÊA, A. A. MENDES: A Obra Antropológica de FONSECA CARDOSO, *Diónysos*, N.º 1, 1.ª série, págs. 29 a 32, Pôrto, 1913; ATAÍDE, ALFREDO: FONSECA CARDOSO e a Antropologia Colonial. *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Vol. I, págs. 151 a 156, Pôrto, 1934.

AMÉRICO PIRES DE LIMA: Como médico militar do Corpo Expedicionário de Moçambique, durante a Grande Guerra, o Prof. AMÉRICO PIRES DE LIMA, hoje ilustre Director da Faculdade de Ciências do Pôrto, passou longos meses no litoral da província do Niassa, onde colheu valiosos elementos de vária ordem, e, muito especialmente, no campo da Botânica. Referir-nos-emos aqui apenas às suas colheitas antropológicas, as quais constituem uma boa série de 170 observações em indígenas adultos do sexo masculino, a saber: 18 Suàilis, 13 M'jauas, 25 Macuas do Mêdo, 22 Macuas de Moçambique e 57 Quelimanes assim repartidos: 34 Manicas, 12 Macuas de Quelimane, 11

outros Quelimanes, 16 Nhúngües (de Tete), 5 Inhambanes e 14 Landins. Sobre estes elementos AMÉRICO PIRES DE LIMA elaborou um trabalho intitulado — Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique — publicado nos *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto*, Vol. IV, Pôrto, 1917-1918. No mesmo volume dos referidos *Anais* foi publicado um outro trabalho do mesmo Autor intitulado — Notas Etnográficas do Norte de Moçambique — no qual faz o estudo de vários objectos de uso corrente e de algumas lendas e costumes indígenas. É digna de especial menção a nota final d'este trabalho em que AMÉRICO PIRES DE LIMA fala de uns amontoados de conchas (*Murex*, *Cardium*) que viu na região de Palma, perto da praia, em locais por vezes bastante longe das actuais aldeias, os quais supõe serem «Kjoeckenmoeddings» prehistóricos.

GERMANO DA SILVA CORRÊA: Este ilustre professor indo-português da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gôa conseguiu criar ali um gabinete antropológico e laboratório antropométrico onde tem elaborado uma série de bons trabalhos; e bem assim os seus colaboradores, entre os quais o Dr. CONSTÂNCIO DE MASCARENHAS. Eis alguns dos trabalhos antropológicos de GERMANO DA SILVA CORRÊA: Índia Portuguesa — Estudos antropológicos e aclimalógicos. Nova Gôa, 1918; Contribution à l'Étude Anthropologique des Ovampos d'Angola, *Trabalhos do II Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda, Agôsto de 1923, V vol.; Les Luso-Descendants de l'Inde Portugaise (Étude Anthropologique) *Arquivo da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, fasc. 2.º, Goa, 1928; Les Ranes de Satary (Étude anthropométrique), *idem*, fasc. 5.º, Goa, 1929; Os Luso-Descendentes de Angola — Contribuição para o seu estudo antropológico, *idem*, fasc. 6.º, Goa, 1931; Os Cuanhamas — Contribuição para o seu estudo Antropométrico e Etnográfico, *idem*, Goa, 1931; Les Enfants et les Adolescents Luso-Descendants de l'Inde Portugaise — Croissance, Anthropométrie et Morphologie Médicale, *idem*, fasc. 7, Goa, 1931; Os Maratas da Índia Portuguesa, *Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Vol. I, Pôrto, 1934, pág. 271 a 273. Resumo. Este trabalho foi publicado *in extenso*, em francês, em Bastorá, 1934; Os Euroafricanos de Angola, *idem*, págs. 300 a 330, Pôrto, 1934.

ANTÓNIO LEITE DE MAGALHÃES: O Coronel ANTÓNIO LEITE DE MAGALHÃES é um oficial distinto com uma larga fôlha de serviços prestados na Índia, Timor e África. Além de numerosas e importantes referências de ordem etnográfica e antropológica feitas em relatórios (como o que elaborou àcerca de A Província de Satary, Nova Goa, 1920, e em monografias (como a que escreveu sobre o Distrito de Quanza-Sul, Lisboa, 1924) este brilhante colonialista e meritório investigador publicou o trabalho: Subsídios para o estudo etnológico de Timor, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, Vol. I, págs. 37-65, Pôrto, 1919. O Autor, baseado nos seus

estudos da Lingüística e da Etnografia da parte portuguesa da ilha de Timor, faz uma resenha etnológica da população timorense, concluindo por afirmar a sua convicção na existência, entre os povos de Timor, de um elemento somatológico *alfuru* da mesma natureza dos que foram observados em Bornéu, nas Celebes, em Gilolo e nas Molucas.

ALEXANDRE ALBERTO SARMENTO: Este distinto médico dos Serviços de Saúde de Angola tem manifestado um inteligente interesse pelo estudo antropológico dos indígenas desta Colónia, onde há anos brilhantemente vem exercendo a sua actividade de clínico do Quadro de Saúde. Eis alguns dos trabalhos antropológicos de ALEXANDRE ALBERTO SARMENTO: Contribuição para o estudo das mutilações étnicas dos «Banhembas», *Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto*, T. XXIV, 8 págs., Pôrto, 1939; Gente de Menongue, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. IX, 48 págs., 10 figs., Pôrto, 1939; Impressões digitais nos indígenas de Angola, *Africa Médica*, N.º 3, Março, 6 págs., Lisboa, 1940; As figuras papilares digitais nos aborígenes de Angola (Contribuição para o seu estudo), *Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol.*, Vol. IX, 7 págs., Pôrto, 1940; Biotipologia angolana (Contribuição para o seu estudo), *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano XVI, N.º 175, Janeiro, págs. 31 a 34, Lisboa, 1940; Notas sobre a antropologia dos Bacancalas, *idem*, N.º 182-183, Setembro, págs. 31 a 40, Lisboa, 1940.

Como complemento destas citações não quero deixar de referir o nome de ANTÓNIO AURÉLIO DA COSTA FERREIRA, que de Lisboa partiu, em Junho de 1922, para Moçambique, onde chegou a Lourenço Marques em um dos primeiros dias de Julho, depois de umas curtas paragens na Madeira e em Captown. Em 15 desse mesmo mês de Julho, pôs termo à existência. Foi uma grande perda, pois AURÉLIO DA COSTA FERREIRA era um cientista de invulgaes qualidades. Nada fazia prever este desfecho trágico. Saíra de Lisboa cheio de esperança numa obra fecunda a realizar em Moçambique, para onde o Alto Comissário da Província, Dr. BRITO CAMACHO, o contratara para organizar o Museu Antropológico de Lourenço Marques e as Investigações Antropológicas na Província. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA planeou escrever os dois seguintes trabalhos: Sobre a antropologia física das colónias e Museus coloniais, que constam da lista — Alguns novos títulos de trabalhos — que o Prof. VICTOR FONTES publicou em: Notas bio-bibliográficas sobre o Dr. COSTA FERREIRA, *Archivo de Anatomia e Antropologia*, Vol. VIII, pág. 594, Lisboa, 1923.

Com AURÉLIO DA COSTA FERREIRA morreu a louvável iniciativa de BRITO CAMACHO, de organizar não só o Museu Antropológico de Lourenço Marques, mas muito especialmente a Investigação Antropológica na Colónia de Moçambique.

Foi preciso chegar a 1936, ou sejam 14 anos depois do malôgro da referida iniciativa, para que fôsse criada a Missão Antropológica de

Moçambique. A sua criação deve-se ao ilustre Ministro das Colónias, Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO, que — absolutamente integrado no mesmo espírito que anima os centros universitários portugueses e desejando que o reconhecimento científico das nossas Colónias se faça de uma maneira porfiada, inteligente e metódica — deu realidade à sugestão que, pelo Instituto para a Alta Cultura, lhe foi apresentada no sentido de enviar à África do Sul e a Moçambique uma Missão de Estudos Antropológicos.

Seja-me permitido, neste momento, enunciar algumas das Missões Científicas Coloniais que têm sido realizadas nos últimos anos: Missão Geográfica de Moçambique; Missão da Carta Magnética de Angola; Missão Antropológica de Moçambique; Missão Botânica de Angola; Missão Hidrográfica de Moçambique; Missões Geológicas de Angola e de Moçambique; Missão Botânica de Moçambique (criada ultimamente). Se é certo que, para a organização destas e de outras Missões, têm prestado notável concurso as nossas Universidades e Escolas Superiores, o Instituto para a Alta Cultura e a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, não é menos certo que todas elas têm sido realizadas durante a gerência política do actual ilustre Ministro das Colónias, Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO, que, com as suas notáveis qualidades de inteligente dinamismo, tem sido o verdadeiro impulsionador do Reconhecimento Científico Colonial. Por isso lhe presto aqui a homenagem da minha mais alta consideração, aprêço e inteiro aplauso pela obra brilhante já realizada, a qual seguramente prosseguirá a despeito da complicada situação política internacional.

Pelo ilustre Presidente da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, Eng. BACELAR BEBIANO, foi pedido ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto um plano de estudos antropológicos coloniais para 6 anos. O Director do Instituto, Prof. MENDES CORRÊA, quis ouvir-me sobre o assunto, tendo sido elaborado um plano de que vou dar uma rápida síntese. Na organização do mesmo, tomou-se como base as possibilidades de pessoal e material do nosso Instituto. Que isto, porém, não seja interpretado como atitude de absorção, que, a dar-se, seria inexplicável e anti-científica. Há no nosso País outros núcleos de estudos antropológicos capazes de, igualmente, darem plena realização à ampla tarefa que há-de fazer-se no campo da Antropologia colonial. Sucede, porém, que, em Janeiro de 1935, em reunião do Instituto para a Alta Cultura, se estabeleceu em princípio que a cada uma das nossas três Faculdades de Ciências caberia uma parte da tarefa global de Investigação nas Colónias no vastíssimo campo das Ciências Naturais. Ao Porto foi confiada a parte dos estudos antropológicos; a Coimbra a parte respeitante à Botânica; cabendo a Lisboa a Zoologia. Na elaboração deste plano de 6 anos, atendeu-se às nossas possibilidades actuais, procurando organizar uma norma de estudos sistematizados que permita um maior rendimento de trabalho e a fácil comparação de resultados.

O Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto será, pela pessoa do seu ilustre Director, o coordenador das Missões Antropológicas que se lhe pediram, preparando técnicos, orientando as investigações, cedendo algum do material científico que possui e acompanhando o aproveitamento do material colhido nos trabalhos de campo das Missões. A necessidade da sistematização dos estudos a realizar compreende-se perfeitamente, pois que na Antropologia, como de resto noutras Ciências, a diversidade de métodos e de processos na colheita, ou na utilização dos elementos colhidos, só acarreta complicações inúteis e dificuldades na comparação de resultados.

É, pois, enquadrados num plano sistematizado que devemos fazer o estudo da Antropologia das nossas Colónias, quer sob o ponto de vista somatológico quer etnográfico, quer ainda da Arqueologia. E podemos fazê-lo — sem o delírio dos grandes planos, quasi sempre irrealizáveis — dentro das nossas possibilidades e recursos, que estão longe de ser parcos, antes são largamente suficientes.

Esbôço de um plano de estudos antropológicos coloniais

O pessoal do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, ou outro, que vier a fazer parte das Missões Antropológicas às Colónias, não perderá de vista o alto interesse científico e patriótico da incumbência que honrosamente lhe é atribuída, procurará merecer a distinção da escolha, cumprindo o melhor possível o compromisso tomado, esforçando-se por trabalhar com o maior rendimento. A tarefa levada a efeito terá um duplo aspecto: o da *Ciência pura*, da indagação científica desinteressada e o das *aplicações*, ou seja, da utilidade prática dessas pesquisas, sob os pontos de vista do melhoramento das condições de vida dos indígenas e da sua colaboração na prosperidade do nosso Império.

a) ÂMBITO E DISTRIBUIÇÃO CRONOLÓGICA DOS ESTUDOS A REALIZAR: Uma Missão Antropológica Colonial deve compreender os estudos de Antropologia física, Etnografia e Arqueologia, sem que uns prejudiquem os outros, antes se completem numa justa cooperação. Os estudos de Antropologia física estão sem dúvida em primeiro lugar, pois por eles se procuram estabelecer as características somáticas e as possibilidades psico-físicas dos diferentes povos e tribos coloniais. Dentro dos estudos antropológicos, no capítulo da Psicotécnica, se averiguará das características psíquicas, das tendências, vocações e capacidades dos mesmos povos e tribos. A Etnografia surgirá como auxiliar útil destes estudos, como fonte preciosa de informação. Dos três ramos de Ciência, a Arqueologia figuraria, assim, em terceiro lugar. Isto não quer dizer que o seu interesse especulativo seja menor do que qualquer dos outros domínios de estudo. Se é certo que os objectivos imediatos e a utilidade directa das Missões a organizar devem ser considerados num

critério de benefício e proveito para os indígenas, não deve esquecer-se o mais amplo interesse político e económico nacional dos trabalhos daquelas Missões. A Arqueologia em geral, e de um modo especial a Pré-história, além de possuírem um interesse erudito, constituem, como base imprescindível para o conhecimento das origens étnicas e da evolução dos povos, um elemento importante de avaliação do papel destes no grémio humano. Sendo assim, as Missões Antropológicas compreenderiam os estudos de Antropologia, Etnografia e Arqueologia.

Qual a colónia que necessita mais urgentemente de ser estudada sob os três aspectos (Antropologia, Etnografia e Arqueologia)? Como infelizmente não temos de nenhuma das nossas colónias senão estudos muito parcelares, pouco mais do que simples sondagens, poder-se-ia principiar por qualquer delas. Cientificamente, tôdas encerram complexos e curiosos problemas, no campo antropológico, mesmo as menos extensas, como Timor ou Guiné. Mas, sob o ponto de vista de utilidade nacional, talvez seja preferível voltarmo-nos para Angola ou Moçambique por serem as que encerram mais amplas perspectivas de desenvolvimento demográfico e económico. Como, porém, fui encarregado das duas campanhas, em 1936 e em 1937, da Missão Antropológica de Moçambique, tenho em curso estudos de Antropologia, Etnografia e Arqueologia, referentes a esta nossa província ultramarina do leste africano, que tornam indispensável uma nova campanha.

Uma terceira campanha da Missão Antropológica de Moçambique, além das vantagens apontadas de completar ou pelo menos alargar rapidamente o âmbito de alguns estudos, feitos de modo a permitir mais extensas e seguras conclusões, teria ainda a vantagem de constituir uma preparação para dois ou três adjuntos que fôsem agregados à Missão. Estes agregados ou adjuntos não só permitiriam uma intensificação de trabalho, mas poderiam depois ser encarregados das Missões que viessem a organizar-se para cada uma das outras nossas colónias. De modo que a prioridade seria dada a Moçambique para o primeiro dos 6 anos do plano. A distribuição cronológica dos estudos a realizar iniciar-se-ia pois pela 3.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique. Num período de dois a três meses no início deste 1.^o ano de trabalhos, os colaboradores da Missão fariam um estágio no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, para preparativos de jornada e apetrechamento, e, sobretudo, para a elaboração pormenorizada do programa de trabalho. No segundo ano se organizariam as Missões para a Guiné e Angola, prosseguindo assim o trabalho no Continente africano. A organização simultânea das duas Missões permitiria não só um avanço rápido no estudo dos problemas de Antropologia Colonial e Ciências afins naquele Continente, como teria também a vantagem de pôr a trabalhar em paralelo as várias equipas de investigadores, o que, não só constituiria incitamento recíproco que, certamente, não deixaria de despertar uma maior actividade de cada uma, mas também, e muito principalmente, permitiria esclarecimentos mútuos e complementares e uma visão de conjunto de certos problemas comuns. No 2.^o ano, os trabalhos de campo far-se-iam na Guiné e em

Angola, mas o chefe e alguns colaboradores da campanha do ano anterior em Moçambique poderiam, caso se não entendesse conveniente realizar nova campanha ainda nêsse ano, utilizar êsse período numa primeira fase de coordenação de materiais e de estudos de gabinete.

O profuso mosaico étnico da Guiné constitui um tema de estudos antropológicos apaixonante. No vasto e variado conjunto dos povos e raças de Angola figuram com uma grande importância científica os Bacancalas ou Boximanes, raça em via de extinção pelas suas condições de inferioridade. O seu estudo antropológico justificaria por si só o envio de uma Missão Científica. Pelo que respeita a Timor, o contributo dos estudos antropológicos das tribus timorenses seria da maior importância para o esclarecimento do intrincado problema das origens e relações dos povos indígenas da Melanésia e Insulíndia. Tratando-se, porém, de uma Colónia situada em distante parte do mundo e com vários problemas próprios, seria porventura praticamente mais vantajoso deixar a respectiva 1.^a campanha para o 4.^o ano, possivelmente sob a chefia de um dos membros da Missão a Moçambique, e prolongando-se, em virtude da distância, por parte do 5.^o ano ou mesmo por todo o 5.^o ano, a permanência nesta Colónia.

O 3.^o ano seria essencialmente destinado a trabalhos de gabinete. Dentro do possível se publicariam os resultados da 1.^a fase dos trabalhos. No 4.^o ano, haveria trabalhos de campo das Missões da Guiné e Angola, que renovariam, como eventualmente a de Moçambique, as suas campanhas no 5.^o ano. O 6.^o ano seria destinado à coordenação geral, publicações definitivas e eventuais pesquisas complementares.

b) PESSOAL DA 3.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE: Da Metrópole seguiriam o chefe e mais dois ou três adjuntos. Na Colónia seriam agregados a esta Missão: o Dr. ANTÓNIO LIS FERREIRA, médico, actualmente delegado de saúde em Angónia (distrito de Tete) e assistente do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto; o Snr. LUIS DOS SANTOS, Chefe da Polícia Civil de Tete, que foi um meu excelente colaborador nas duas campanhas realizadas, o qual pelo conhecimento que tem da língua e da vida dos indígenas, e pelas suas qualidades de inteligência e dinamismo, seria um bom auxiliar dos serviços da Missão. Êste grupo constituiria o pessoal efectivo.

Ê desnecessário encarecer o interêsse do estudo das línguas e dialectos africanos, pois como é sabido a chamada raça Banto foi estabelecida, não em bases antropológicas, mas apenas atendendo a certos elementos lingüísticos. Portanto, óptimo seria que à Missão pudesse ser agregado um adjunto que tomasse a seu cargo o estudo das línguas indígenas. O Prof. Dr. ARMANDO DE LACERDA, Director do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, poderia fazer êsse estudo ou indicar quem o fizesse.

Para Moçambique e especialmente para a Zambézia, onde a 3.^a campanha da Missão Antropológica iria essencialmente actuar, poderia ser aproveitado o conhecimento que das línguas da Zambézia tem o

ilustre jesuíta P.^o ANTÓNIO ALVES DA CRUZ que ali missionou durante 3 anos no Mirúro (Zumbo), e que também conhece a língua árabe, que foi expressamente estudar durante 4 anos na Universidade Católica de Beyrouth. O P.^o ANTÓNIO ALVES DA CRUZ está disposto a tomar parte nos trabalhos da 3.^a campanha como adjunto da Missão. Faria o estudo das línguas do distrito de Tete e completaria o estudo que tem já muito adiantado das línguas *chinyungue* e *chinsenga*. Seria, além disso, um esplêndido intérprete para todos os membros da Missão e encarregar-se-ia de um vasto capítulo de estudos etnográficos que só pode ser abordado com o completo conhecimento da língua indígena. Podia também ser aproveitado o funcionário administrativo da Colónia Snr. SILVESTRE SÉRGIO ALVES que, em 1936, encontrei no Furankungo como Secretário da Circunscrição de Macanga. SÉRGIO ALVES tem aproveitado os vagares da vida do mato para o estudo das línguas cafreais, tendo recolhido grande número de notas sobre o assunto. No caso de SÉRGIO ALVES ser agregado à Missão, conviria que, uma vez findos os trabalhos da 3.^a campanha da Missão em África, regressasse também à Metrópole com o chefe e os outros adjuntos para, durante um ano ou pelo menos 6 meses, fazer um estágio no Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra e também na Escola Superior Colonial. Desta forma se preparava um funcionário da Colónia a poder realizar o estudo dos dialectos de Moçambique. Conviria ainda que este funcionário no seu regresso à Colónia de Moçambique, após a passagem pelos mencionados centros de estudo da Metrópole, fizesse um estágio de algumas semanas na Universidade de Capetown junto do Prof. LESTRADE, catedrático da referida Universidade que fala nada menos de 17 línguas, e entre elas uma boa dezena de línguas africanas do ramo Banto.

Ainda pelo que respeita ao pessoal da 3.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique, seria conveniente que o regresso pudesse ser feito por terra, e pelo caminho de ferro, até Angola, com uma ou outra paragem, de forma a obter-se uma estadia em Angola de quinze dias a um mês. Essa travessia de Moçambique para Angola e estadia, embora curta, de alguns dias nesta nossa Província ultramarina da costa ocidental, daria ensejo a todos os membros da Missão de observarem novas tribos e novos costumes o que muito alargaria os conhecimentos sobre a vastíssima família Banto, que se estende, em todo o centro africano, desde o Saará à Hotentótia e desde o Atlântico até o Índico. O número de línguas ou dialectos Bantos passa de 200. Para o estudo dos problemas da Pre-história de Moçambique, iniciados nas campanhas de 1936 e 1937, havia vantagem em serem visitados de novo os museus da União Sul-Africana e da Rodésia, e ainda os da Uganda e do Kénia, o que poderia ser feito parte à ida para Moçambique e parte no regresso.

c) PESSOAL A APROVEITAR NAS COLÓNIAS: Pelo que diz respeito a Moçambique além do Dr. ANTÓNIO LIS FERREIRA, do Chefe de Polícia Snr. LUIZ DOS SANTOS e do Snr. SILVESTRE SÉRGIO ALVES, do quadro

administrativo, podia ser utilizado acidentalmente algum Secretário de Circunscrição ou Chefe de Posto, mais com o intuito de despertar neles interesse pelos assuntos de que trata a Missão do que propriamente como indispensável colaboração, pois, a não ser por motivo de doença, o pessoal que atrás se descreminou deve bastar para o bom desempenho da Missão. A não serem os professores dos Liceus da Secção de Biologia, 6.º grupo, e os médicos, com preparação bastante para poderem efectuar pesquisas de ordem antropológica depois de um curto período de iniciação e com um mínimo de aparelhagem, não será fácil, senão muito excepcionalmente, encontrar pessoas que possam prosseguir, nas Colónias, os trabalhos da Missão no período das chuvas, que será o do regresso do pessoal da Missão à Metrópole, para a realização de trabalhos de gabinete.

Já pelo que diz respeito à Etnografia, e mesmo à Pre-história, será possível encontrar entre os funcionários civis e militares e bem assim entre os Missionários, quem possa fazer abundantes colheitas ou registar elementos isolados que constituíam indicações para pesquisas a realizar em futuras campanhas. Durante a permanência das Missões em trabalhos de campo na respectiva Colónia, o chefe procuraria os necessários elementos de modo a constituir e deixar ali um grupo de prospectores que, mediante uma gratificação mínima, procurariam tomar conhecimento de materiais que pudessem interessar aos futuros trabalhos da Missão.

De igual modo, o médico do quadro de saúde de Angola, Dr. ALEXANDRE ALBERTO SARMENTO, cujo inteligente interesse pelos estudos de Antropologia das raças negras está suficientemente demonstrado por alguns trabalhos já publicados, seria um óptimo elemento a agregar à Missão Antropológica daquela nossa grande Colónia da África Ocidental. Quanto às outras Colónias, só depois da 1.ª campanha, em cada uma delas, se poderia organizar o quadro das pessoas que, nelas vivendo permanentemente, pudessem prestar serviços como auxiliares, prospectores, etc.

d) PERÍODO DE TRABALHOS DE CAMPO: Na 3.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique os trabalhos de campo deviam estender-se por toda a época seca que vai de Maio a Outubro ou Novembro, de modo a poder conseguir-se 5 ou 6 meses de trabalhos de campo. Para as Missões subseqüentes da Guiné, Angola e Timor, procurar-se-ia, como é natural, distribuir os trabalhos de campo pelos períodos de melhores condições climatológicas e sanitárias. Pelo que respeita a Timor, atendendo à grande distância daquela nossa Colónia e à conseqüente maior despesa das viagens, poderia encarar-se, como foi dito, a possibilidade de organizar para ela uma Missão com uma mais longa permanência naquela Colónia, permanência que no entanto não deveria ir além de ano e meio a dois anos.

e) PERÍODO DE TRABALHOS DE GABINETE: Como preliminar indispensável ao adextramento do pessoal metropolitano a agregar às Mis-

sões, seria de tóda a conveniência organizar um estágio de dois ou três meses no Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto para os adjuntos que tomarem parte na 3.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique. Nos anos seguintes, igual procedimento se devia adoptar para o pessoal das Missões que vierem a organizar-se. Desta maneira o pessoal técnico adestrar-se-ia de um modo especial nos trabalhos a realizar nas Colónias dentro do plano geral que se estabelecerá num conjunto tanto quanto possível harmónico.

O período de trabalhos de gabinete depende não só do material que puder ser recolhido em cada campanha, mas muito especialmente do pessoal auxiliar (assalariado) que puder ser utilizado durante o inverno no regresso à Metrópole dos chefes das Missões e adjuntos. Como regra geral, fazendo-se o regresso a Portugal em Novembro, poderia durante os meses que vão de Dezembro a Abril ou Maio utilizar-se e coordenar-se, senão a totalidade, ao menos a maior parte do material recolhido, de forma a poderem até realizar-se Missões em anos sucessivos pelo menos nos 2 ou 3 primeiros anos. É também condição necessária que o pessoal universitário adstrito tenha o mínimo de encargos docentes, de forma a poder dedicar o melhor do seu tempo ao estudo dos problemas coloniais, embora, como é natural e de manifesta utilidade, pudesse e devesse realizar lições ou conferências sobre os estudos em curso ou sobre as conclusões obtidas nos estudos já feitos.

O pessoal da Missão, uma vez de regresso à Metrópole iniciaria imediatamente os trabalhos de gabinete no estudo do material colhido nas Colónias. Para que possa dedicar-se intensamente a êsses trabalhos, o mesmo pessoal e os seus colaboradores devem receber um subsídio, o que de resto se tem já dado com o pessoal de algumas Missões Científicas Coloniais.

f) PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS: Convinha que não se iniciassem novas campanhas sem publicar ou deixar em via de publicação ao menos o mais importante das colheitas já feitas. Para isso estabelecer-se-ia uma verba que permitisse a publicação de trabalhos que poderiam além de isso ser insertos em Revistas nacionais ou estrangeiras.

g) PLANO GERAL:

- 1.^o Ano — Trabalhos de iniciação e estágio no Instituto. Preparativos da 3.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique.
Preparação de chefes de outras Missões;
- 2.^o Ano — Trabalhos de gabinete ou eventualmente a 4.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique.
 - 1.^a campanha da Missão Antropológica da Guiné.
 - 1.^a campanha da Missão Antropológica de Angola;
- 3.^o Ano — Especialmente destinado à coordenação, estudo e eventual publicação do material colhido, susceptível de aproveitamento sem aguardar pelas novas pesquisas: seria, quasi exclusivamente utilizado em trabalhos de gabinete, podendo, é certo, caso se

reconhecesse ser necessário, realizar-se campanhas de trabalhos de campo, nomeadamente na Guiné e em Angola;

4.^o Ano — 4.^a ou 5.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique.

2.^a campanha da Missão Antropológica da Guiné.

2.^a campanha da Missão Antropológica de Angola.

1.^a campanha da Missão Antropológica de Timor;

5.^o Ano — 5.^a ou 6.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique.

3.^a campanha da Missão Antropológica da Guiné.

3.^a campanha da Missão Antropológica de Angola.

2.^a campanha da Missão Antropológica de Timor;

6.^o Ano — Destinado a trabalhos de gabinete e publicação de Memórias.

Nos anos subseqüentes continuava o labor de gabinete para a publicação de trabalhos, e ainda novas pesquisas, não só as que constituíssem complemento lógico das já efectuadas, mas mesmo outras de nova ordem que se verificasse ser preciso encetar.

h) ESTIMATIVA DAS DESPESAS:

1.^o Ano — Despesas preliminares de gabinete com preparativos, estágios e trabalhos de adextramento 12.000\$00

3.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE

I chefe da Missão 5 meses (Julho a Novembro) de trabalhos de campo	52.500\$00
I adjunto ido da Metrópole (mesmo tempo de trabalhos de campo)	37.500\$00
I adjunto ido da Metrópole (mesmo tempo de trabalhos de campo)	37.500\$00
I adjunto Dr. LIS FERREIRA a agregar em Moçambique (mesmo tempo de trabalhos de campo) subsídio além do seu vencimento	20.000\$00
I auxiliar técnico Chefe LUIZ DOS SANTOS a agregar em Moçambique (mesmo tempo de trabalhos de campo) subsídio além do seu vencimento	15.000\$00
Despesas com pessoal auxiliar accidental em África	10.000\$00
Aquisição de material técnico	20.000\$00
Despesas com transportes em África, caminhos de ferro, automóveis, gasolina para caminhões e caminhetas	15.000\$00
Condutores de caminhões e caminhetas e ajudantes, tais como carregadores e outros	10.000\$00
Seguros de material e do pessoal	10.000\$00
	227.500\$00

A estas verbas há ainda a juntar a verba de aquisição do material de acampamento o que com a despesa das viagens da Metrópole a Moçambique e volta deve ir pouco além de 300 contos.

No caso de ser agregado à Missão o jesuíta P.^e ANTÓNIO ALVES DA CRUZ a despesa seria acrescida em cêrca de 50 contos mais.

2.^o Ano — 4.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE

1 chefe e 1 adjunto durante 5 meses de trabalhos de campo	90.000\$00
Viagens da Metrópole à Colónia e volta	40.000\$00
Despesas com material técnico, fotográfico e outro	5.000\$00
Despesas na Colónia com transportes, gasolina, pessoal auxiliar, carregadores, seguros, etc.	35.000\$00
	170.000\$00

Eventualmente, esta campanha poderá ser substituída por trabalhos de gabinete, para os quais a verba indicada é suficiente.

1.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DA GUINÉ

1 chefe de Missão e 1 adjunto durante 5 meses de trabalhos de campo	90.000\$00
Viagens da Metrópole à Colónia e volta	10.000\$00
Despesas com material técnico, fotográfico e outro	15.000\$00
Despesas na Colónia com transportes, gasolina, pessoal auxiliar, seguros, etc.	25.000\$00
	140.000\$00

1.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE ANGOLA

1 chefe e 1 adjunto (5 meses de trabalhos de campo)	90.000\$00
Viagens da Metrópole à Colónia e volta	20.000\$00
Despesas com o material técnico, fotográfico e outro ...	15.000\$00
Despesas na Colónia com transportes, gasolina, pessoal auxiliar, seguros, etc.	35.000\$00
	160.000\$00

As 3 Missões do 2.^o ano custariam aproximadamente 470 contos. Subsídios de trabalhos de gabinete após o regresso à Metrópole, aquisição de material para a realização dêsses trabalhos, e alguns pagamentos de serviços aos mesmos ligados, podem computar-se aproximadamente em 70 contos. Quere dizer, o orçamento dêste 2.^o ano andaria por 540 contos, no caso de se realizar a nova campanha de Moçambique.

3.^o Ano — Êste ano seria essencialmente destinado a trabalhos de gabinete em que, dentro do possível, se publicariam os resultados da 1.^a fase dos trabalhos, salvo no que respeita a Moçambique desde que seja nêste ano e não no anterior a 4.^a campanha.

Subsídios de trabalhos de gabinete a 3 chefes de missão e a 3 adjuntos	100.000\$00
Aquisição de material para os trabalhos de gabinete, artigos de papelaria e outros	9.000\$00
Pagamento de serviços, desenhos, fotografias, dactilografia, etc.	40.000\$00
Despesas de correio e telégrafo, telefonemas, etc.	1.000\$00
Outras despesas não discriminadas	10.000\$00
Verba para publicações	60.000\$00
	220.000\$00
4.º Ano — 2.ª Missão a Angola	160.000\$00
2.ª Missão à Guiné	140.000\$00
4.ª ou 5.ª Missão a Moçambique	170.000\$00
1.ª Missão a Timor	160.000\$00
	630.000\$00

As quatro Missões no 4.º ano custariam aproximadamente 630 contos. Subsídios de trabalhos de gabinete ao pessoal das Missões durante a estadia na Metrópole, aquisição de material para a realização desses trabalhos, e alguns pagamentos de serviços aos mesmos ligados, podem computar-se em 70 contos. Quere dizer, o orçamento dêste ano andaria por cêrca de 700 contos.

5.º Ano — Nova série de trabalhos de campo nas Colónias
o que deve orçar pela despesa do 4.º ano, ou sejam 700.000\$00

6.º Ano — TRABALHOS DE GABINETE:

Subsídios de trabalhos de gabinete a 4 chefes e 4 adjuntos	130.000\$00
Aquisição de material para os trabalhos de gabinete, artigos de papelaria e outros	10.000\$00
Pagamento de serviços, desenhos, fotografias, dactilografia, etc.	50.000\$00
Despesas de correio e telégrafo, telefonemas, etc	1.000\$00
Outras despesas não discriminadas	9.000\$00
Verba para publicações	100.000\$00
	300.000\$00

Em síntese, as despesas calculadas para os 6 anos de Investigação Antropológica Colonial orçariam como mostra o apanhado seguinte:

1.º ano	312.000\$00
2.º ano (3 Missões)	540.000\$00
3.º ano	220.000\$00
4.º ano (4 Missões)	700.000\$00
5.º ano (4 Missões)	700.000\$00
6.º ano	300.000\$00
	2.772.000\$00

Como conclusão do plano que em Março último foi enviado à Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, o Prof. MENDES CORRÊA, Director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, escreveu as seguintes palavras: «São evidentemente sumários e aproximativos os planos expostos. A experiência, a verificação *in loco* da necessidade de certas ampliações ou reduções, a modificação das circunstâncias gerais e locais, a aparição de problemas imprevistos ou métodos novos, as exigências de serviço do Instituto, poderão aconselhar alterações dêsses planos. Assim o esboço que fizemos, reduz-se às linhas gerais de uma vasta e complexa tarefa, de que se deve deixar para o futuro uma grande parte das indispensáveis pormenorizações.»

A política e a legislação coloniais são hoje um todo complexo que se aproxima cada vez mais das Ciências para delas receber luz e auxílio. A Antropologia com os seus vastos e importantes capítulos da Etnografia e Psicologia comparadas, mostra-nos que a estrutura íntima do Homem dos diversos povos e raças não é independente do seu espírito nem das suas actividades características.

MALVEZZI DE MEDICI, no *Archivo da Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia*, de 1932, afirma: «Senonché sono appunto gli studi antropologici, etnografici e psicologici quelli che oggi finalmente vengono riconosciuti d'importanza fondamentale e pregiudiziale per la scelta di un'adeguata politica indigena nelle colonie.» Na verdade assim é. Só o conhecimento científico do indígena em todas as suas qualidades, que são muitas, e nos seus defeitos que quasi sempre são fáceis de corrigir, pode fornecer as normas para uma attitude de comando certo, ou seja, do governo justo que melhor se adapte às circunstâncias, que em certos casos podem variar ampla e profundamente. A política que, no dizer de MALVEZZI DE MEDICI, é por sua natureza feita de adaptação e aproximações, requiere um sentido justo da relatividade, e uma intuição muito especial do contínuo variar das circunstâncias e da mutabilidade das paixões humanas. A política, como Ciência social que é, preocupa-se especialmente com a actividade gregária e manifestações colectivas do Homem.

A Antropologia, estudando o Homem em todos os seus aspectos, procura descobrir as causas, mesmo as mais remotas e profundas, que tantas vezes condicionam a maneira de ser da natureza humana. Por seu lado a Etnografia, estudando os hábitos, usos e costumes, por vezes põe em evidência factos de importância mínima aparente, que por isso escapam à observação vulgar, mas podem, no entanto, levar-nos a apreciar notáveis qualidades de ordem psíquica e moral, com que há sempre que entrar em linha de conta. Quantas vezes as manifestações colectivas são o resultado de um somatório de factos que parecem de importância secundária e que, dispondo-se em sentido unilateral, adquirem força dinamizante inesperada!

Nada no mundo escapa à lei inflexível da evolução. Não se julgue porém que se conseguiu fazer evoluir o Homem mudando o seu *habitat*

e aparência externa se elle conserva a alma antiga, se não mudaram os seus conceitos acerca dos princípios de verdade, justiça e moral, valores eternos que devem ser os guias das relações entre os Homens qualquer que seja a sua raça ou o seu grau de cultura.

Cabe aqui uma especial referência ao papel importantíssimo que as Missões católicas desempenham para a formação espiritual dos indígenas dentro dos sagrados e justos princípios da moral cristã. É o ensino da língua, é a pregação da doutrina, é o exemplo da austeridade da vida eclesiástica, é o conselho paternal, é o ensino de artes e ofícios, é o estabelecimento de preceitos higiênicos e normas de boa sanidade, é, numa palavra, a obra de valorização geral dos indígenas que faz do Missionário um dos mais importantes factores da Colonização, entendendo-se por Colonização o aperfeiçoamento constante dos negros, cada dia mais sãos por menos viciosos, cada dia de melhor índole por mais cristãos, cada dia mais civilizados por menos selvagens, cada dia mais portugueses. As Missões católicas são um dos melhores se não o melhor instrumento da Colonização.

A Antropologia é um dos melhores, se não o melhor instrumento ao serviço da política indígena. Entenda-se por política indígena as relações entre brancos e negros e das tribos umas com as outras. A Antropologia física, estabelecendo as afinidades somáticas, procura descobrir parentescos ou definir, com precisão, a natureza étnica das diferentes tribos. A Arqueologia ou melhor a Pré-história, descobrindo e estudando criteriosamente as velhas culturas, desvenda origens, e fornece à Antropologia os rumos que a orientam no complexo estabelecimento de muitos problemas etnológicos de origens. A Etnografia observando o viver diário dos negros, as suas necessidades materiais, a maneira como os indígenas as conseguem satisfazer, e as manifestações de seus sentimentos de origem espiritual, dá-nos a chave indispensável para entrarmos com segurança no conhecimento da sua vida material e moral.

Do trabalho do ilustre Prof. Dr. JOAQUIM PIRES DE LIMA: Estudos de Antropologia Colonial — O que temos feito e o que precisamos de fazer, publicado no Vol. I dos *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial* (págs. 105 a 133, Pôrto, 1934) faço a larga transcrição que segue, a qual é bem demonstrativa do interesse político dos Estudos de Etnografia Colonial. Ao abordar a importância destes estudos diz o Prof. JOAQUIM PIRES DE LIMA — «A necessidade de os desenvolver foi há pouco bem salientada pelo Prof. LEITE DE VASCONCELOS na sua monumental Etnografia Portuguesa, onde se lêem as seguintes palavras»: «Tomando em consideração a Etnografia dos povos incultos, e no nosso caso a da maior parte das colónias portuguesas . . . pois não só o viver das tribos selvagens aclara, por comparação, bom número de obscuridades da história antiga, e resolve problemas de sociologia, mas nenhuma administração colonial será digna, quando na posse do respectivo governador não esteja de antemão o conhecimento pormenorizado da província que administra.»

«Ao falar, embora não de selvagens, mas de gentios da nossa Índia

antiga, lembra DIOGO DO COUTO que os milagres de administração que lá fêz certo governador, resultaram da experiência que tinha da terra, do conhecimento dos homens dela.»

«No Congresso Internacional de Etnologia e Etnografia celebrado em Neuchâtel em 1914, o Prof. BEZEMER leu uma comunicação àcerca da importância da Etnografia na política colonial, sustentando que convinha que os administradores coloniais soubessem Etnografia e que muitas vezes era por causa de não se conhecerem os usos e crenças dos indígenas que rebentavam guerras sangrentas.»

Mas não precisamos de ir ao estrangeiro buscar exemplos, têmo-los, e brilhantes, nos diversos períodos da nossa História. A propósito do «Dia de Timor», na Exposição Colonial, diz uma brochura comemorativa: «O Governador CELESTINO DA SILVA soube primeiro ver, soube depois governar . . . Comandava no mais alto significado do termo — depois de ter decifrado a alma do nativo.»

Quere dizer: a Antropologia fornece, como nenhuma outra Ciência, elementos basilares para a orientação da política indígena. Além disso e, pelo menos, do mesmo modo que tôdas as outras Ciências, os estudos de Antropologia Colonial, constituem uma prova flagrante da preocupação inteligente e serena, de fazer-se o Reconhecimento Científico Colonial, espécie de novo descobrimento e conquista dos nossos domínios ultramarinos, pedaços sagrados do corpo da Pátria, parte integrante do todo uno e indivisível do nosso quási milenário Portugal.

ORIGINALS
CASE PORTFOLIO
R. DAS GARRAS, 193
L. 1. 2. 3. 4.

OFICINAS GRÁFICAS
CASA PORTUGUESA
R. DAS GÁVEAS, 103
L I S B O A

biblioteca
municipal
barcelos



9623

Missões antropológicas